

TEATRO

“Guerra é renovação”, diz Thomas

da Reportagem Local

A guerra de que fala Gerald Thomas tampouco pode ser levada para o lado triste. “Eu gosto da guerra, é renovação, uma coisa fabulosa”, diz.

Em dias de horror pós-Balcãs, prefere, porém, ser mais explícito: “A guerra que está graficamente exposta nos meus espetáculos é a tentativa de achar uma revolução, um pequeno apocalipse por meio do qual possamos explodir os padrões vigentes”.

“O artista sempre esteve casado com a revolução e, portanto, com a guerra. Sempre esteve, internamente, em absoluto conflito, ainda que assinasse panfletos pela paz”, completa.

Menos do que relações entre si, os três espetáculos de Gerald Thomas em cartaz no exterior —além de “Nowhere Man”, as óperas “Tristão e Isolda” e “Raw War”— têm em comum, para o diretor, o fato de estarem sendo montados em locais emblemáticos da guerra. Por isso os chama trilogia.

Estreou “Raw War”, colagem de textos de Ernst Junger e Carl Von Clausewitz, no final de maio, no Museu de Arte Moderna de Bonn, onde se começou a costurar o acordo de paz na Iugoslávia.

Na mesma Alemanha, “Tristão e Isolda”, a ópera de Wagner, reestreiá a partir de amanhã em Weimar, onde foi assinada a nova constituição alemã após a Primeira Guerra Mundial, em 1919.

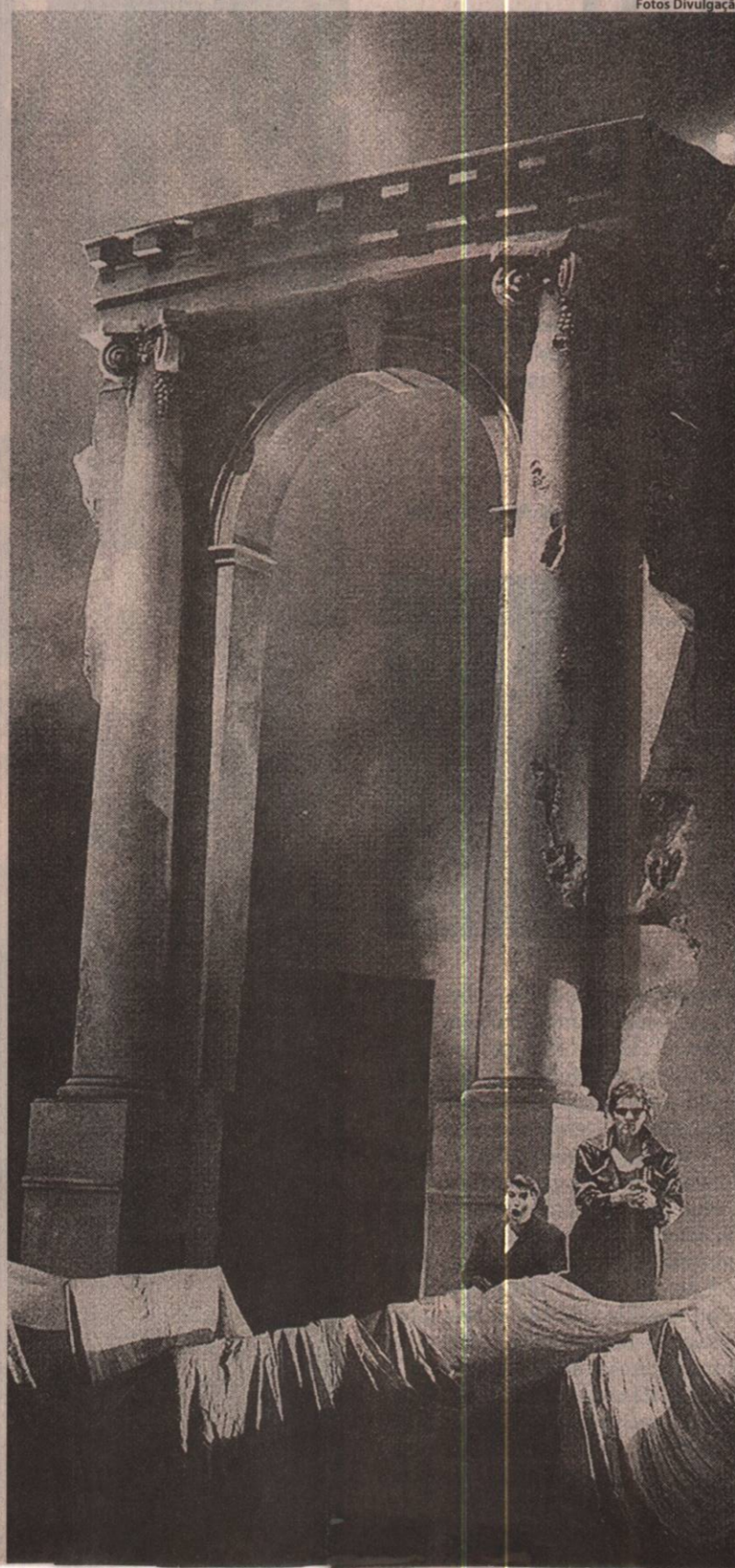
“Em Zagreb, as trevas acabaram de acontecer”, diz o diretor. A capital da Croácia, país fronteiro e que já pertenceu à Iugoslávia, poderia servir de base para um ataque por terra dos aliados se continuasse o conflito.

Já Gerald Thomas não precisa temer a vizinhança. “O único vizinho que eu tenho ultimamente é o da poltrona ao lado no avião e só tenho medo de que ele fale muito durante a viagem”, diz.

Além dos já citados, o diretor-viajante monitora o espetáculo



Na foto maior, cena da ópera “Tristão e Isolda”, de Gerald Thomas, em cartaz em Weimar, na Alemanha; acima atores do espetáculo “Raw War”, que o diretor encena em Bonn



Fotos Divulgação



CONTRASTE Comunicação e design

Ninguém tem tanto carinho pelos netos quanto

“Moisés e Aarão”, em cartaz até o ano que vem em Graz, na Áustria.

Para tornar isso possível, mantém oito assistentes na Europa, todos norte-americanos.

Prepara ainda uma montagem de “Frankenstein” (colagem que não usa o texto de Mary Shelley) para estreiar na Broadway, em novembro, e um espetáculo brasileiro para o segundo semestre, reunindo as companhias brasileira, alemã e norte-americana e alguns atores croatas.

Quanto custa tudo isso? Thomas diz que, em média, US\$ 1,5 milhão as estrangeiras. As brasileiras, cerca de US\$ 50 mil. Prefere as caras ou as baratinhas? “As baratas”, diz, revelando o prazer do “nowhere man” de montar no Brasil.

(CYNARA MENEZES)